

**SAÚDE MENTAL E SEUS FATORES AGRAVANTES: UMA ANÁLISE  
QUALITATIVA COM MULHERES NEGRAS DO SUL DO BRASIL****CANDIDO, N. M. O.<sup>1</sup>; SILVA, S. G.<sup>2</sup>; DETONI, P. P.<sup>2</sup>**

O racismo e o gênero são considerados determinantes sociais de saúde, assim a forma como essas variáveis se relaciona pode predispor a alterações emocionais negativas na saúde mental de mulheres negras. Assim, este trabalho teve como objetivo compreender os fatores determinantes para o diagnóstico prévio de Transtorno Mental Comum (TMC), assim como analisar os relatos de vivência de racismo nos serviços de saúde. O estudo compõe um recorte da pesquisa intitulada “Percepção de mulheres negras sobre os efeitos do racismo na saúde”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS sob o número 5.042.435. O projeto original constitui-se como um estudo transversal, realizado com mulheres autodeclaradas negras, de idade igual ou superior a 18 anos e residentes no estado do Rio Grande do Sul. Foi realizado no formato online e de forma auto aplicável, com perguntas abertas e de múltipla escolha, no período de novembro de 2021 e janeiro de 2022. Para este estudo em específico foi realizada uma análise com abordagem quanti-qualitativa, no qual na abordagem quantitativa foi feita a descrição das características socioeconômicas e de saúde da amostra e no componente qualitativo, foram avaliados, por meio do método de análise temática, os fatores determinantes, além do racismo, que contribuíram com a condição de diagnóstico prévio de transtorno mental comum, bem como os relatos sobre vivências de racismo nos serviços de saúde. A amostra foi composta por 511 mulheres autodeclaradas negras, com predomínio de idade entre 25 a 40 anos (43,6%), 12 anos ou mais de estudo (84,9%), renda familiar de 3 a 6 salários mínimos (38,4%) e de religião matriz africana (38,1%). Quanto aos hábitos de vida, observou-se que 10,8% estavam tabagistas, 77,1% referiram consumo de álcool e mais da metade da amostra (58,7%) realizava atividade física no tempo livre. Em relação a saúde mental, n=203 (39,7%) referiram diagnóstico prévio de TMC, sendo que entre essas, o racismo foi um fator agravante para o diagnóstico em 97 (47,8%) dos casos. Outros fatores que também contribuíram para esse diagnóstico foram: a pandemia da COVID-19, a obesidade, o desemprego e os conflitos no ambiente de trabalho. Destaca-se, ainda, os relatos sobre experiências de racismo nos serviços de saúde pelas mulheres negras, como o estigma e o racismo estrutural de que elas seriam mais fortes que outras mulheres não negras, por conseguinte suportariam melhor as dores ou sobrecargas, o que dificultou a produção de cuidado nesses espaços de saúde, especialmente em momentos de maior vulnerabilidade como no decorrer da gestação. Somado ao processo de negação do racismo, que produz segregações conforme a aparência, ou via embranquecimento para melhoria de tratamento nesses serviços. Esses relatos afirmaram a manutenção do fenômeno da dupla discriminação devido intersecção entre gênero e raça, que interferem no processo de saúde-doença das mulheres negras e a manutenção de relações sociais de discriminação cumulativa e sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** Racismo; Gênero; Estigmas sociais; Saúde mental.**Origem:** Pesquisa

<sup>1</sup> Nathyelle Maria de Oliveira Cândido. Estudante. Bolsista de iniciação científica da FAPERGS. Medicina.

<sup>2</sup> Priscila Pavan Detoni. Docente em Saúde Coletiva na graduação em Medicina e no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde - Área de Concentração - Atenção Básica - Saúde da Família e Comunidade. UFFS

<sup>2</sup> Shana Ginar da Silva. Docente. Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas. Residência Multiprofissional em Saúde. Curso de Medicina. UFFS/Passo Fundo, RS.

**Instituição Financiadora:** Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do RS – FAPERGS